

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CRIAÇÃO DE MATERIAL
INFORMATIVO PARA PROFESSORES**

Hernani Pereira dos Santos *

Eliane Akiyama Scapellato

Eliza Galo Silva

Geysa Machado Cascardo

Eliza Dieko Oshiro Tanaka

Introdução

A área das altas habilidades/ superdotação ainda é pouco estudada no Brasil e permeada por diversos mitos, resultantes de representações culturais advindas de estereótipos ou vivências simplistas sobre as pessoas possuidoras dessa característica. A ideia sobre a superdotação é frequentemente associada a habilidades inatas e desempenho excelente em todas as áreas. Essa concepção é fruto de desinformação sobre a questão, na qual se discute que a denominação “gênio” deve ser dada somente para grandes realizadores da humanidade, cujo conhecimento e capacidades parecem sem limite, excepcionais e únicas.

Os termos “pessoa com altas habilidades” e “superdotado” são os mais apropriados para designar aquele indivíduo que possui superioridade em alguma área do conhecimento, quando comparado com pessoas da mesma faixa etária. “Altas habilidades”, por sua vez, é um termo que indica um talento especial, porém não excepcionalmente raro e valioso.

De acordo com a definição brasileira de altas habilidades/superdotação (Brasil, 2001, Art. 5º, III citado por Virgolin, 2007), são alunos dessa categoria aqueles que apresentam uma rapidez e facilidade de aprendizagem, de modo que consigam dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. Porém, em uma perspectiva mais plural, a superdotação pode ser entendida como um desempenho ou elevada potencialidade, de modo isolado ou combinado, na capacidade intelectual geral, na aptidão acadêmica específica, no pensamento criativo ou produtivo, na capacidade de liderança, no talento especial para artes, na capacidade motora. Essa definição permite outra consideração sobre o fenômeno. Podem ser observados três importantes pontos nela: (a) que a pessoa pode se destacar em uma pluralidade de áreas do conhecimento

humano; (b) que tanto o desempenho quanto a potencialidade de vir a demonstrar um notável desempenho são características das altas habilidades e (c) que o desenvolvimento do indivíduo é variável importante para a percepção que se tem de superdotação.

A origem das altas-habilidades/superdotação ainda é desconhecida pela ciência, porém existe aceitação que esse fenômeno seja de origem multifatorial. Pode ser dar em diversas áreas conhecimento humano como, por exemplo, intelectual, social, artística, entre outras, nas quais algumas pessoas demonstram uma habilidade significativamente superior à população geral, o suficiente para se destacarem em relação às outras pessoas. Um dos aspectos mais presente nas altas habilidades é a heterogeneidade, ou seja, algumas pessoas podem se destacar em uma área ou podem combinar várias, sendo esta última caracterizada por multipotencialidades. No entanto, o que se observa com maior frequência são pessoas que se desenvolvem de forma superior em apenas uma área específica.

Pesquisas recentes mostraram que indivíduos com altas habilidades existem em todas as culturas e sociedades e independe de nível socioeconômico e cultural, nível de escolaridade e etnia (Alencar & Virgolim, 2001; Pocinho, 2009).

No âmbito acadêmico pode-se encontrar uma série de teorias que explicam o fenômeno das altas habilidades/superdotação. Algumas enfatizam o papel da filogenia em suas definições, outras o ambiente e outras, chamadas de interacionistas, destacam a interação entre esses dois fatores. Um dos autores que defende a teoria interacionista é o renomado pesquisador Joseph Renzulli. A sua teoria, também conhecida como Teoria dos Três Anéis, propõe que as pessoas com grandes contribuições à comunidade, sendo elas originais e únicas, demonstraram possuir o seguinte conjunto de traços:

a) Habilidade acima da média. Inclui-se nesse traço a habilidade geral (capacidade de utilizar o pensamento abstrato ao processar informação e integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações) e a habilidade específica (aplicar várias combinações das habilidades gerais a uma ou mais áreas especializadas do conhecimento ou do desempenho humano)

b) Envolvimento com a tarefa. Trata-se da quantidade de energia que o indivíduo investe em uma área específica de desempenho. Perseverança, paciência, autoconfiança e crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho – esses termos são descritores do envolvimento com a tarefa.

c) A criatividade. Aponta-se como fator determinante na personalidade dos indivíduos que se destacam em alguma área do conhecimento. Quanto à sua mensuração, devido à dificuldade, prefere-se a análise dos produtos criativos e dos relatos dos estudantes.

Para Renzulli (citado por Virgolim, 2007), só é possível a produção criativa se esses três traços estiverem presentes e dinamicamente em interação. É por isso que se chama Teoria dos Três Anéis. É o mesmo princípio do nó borromeu: se um dos nós for desfeito, o conjunto de nós se desfaz em conjunto; assim, o sistema deixa de existir. Nenhum dos traços é mais importante do que o outro; ao contrário, todos devem estar presentes para que comportamentos de superdotação se manifestem.

Na teoria renzulliana é preferível tomar o termo “superdotado” como adjetivo e não como substantivo, ou tratar-se do desenvolvimento de comportamentos de superdotação, pois ela não é uma qualidade perene, uma essência, uma forma de ser.

Uma das implicações práticas da teoria de Renzulli é a de que a criatividade e o envolvimento do aluno com a tarefa podem ser modificados e influenciados positivamente através do planejamento das atividades educacionais (Virgolim, 2007). Isso quer dizer que o professor pode aproveitar o potencial de um aluno e desenvolvê-lo através de uma experiência enriquecedora para ele. Ademais, conforme a interação entre os fatores do indivíduo (incluindo a sua autoestima, sua persistência, sua motivação) e os fatores ambientais (incluindo as oportunidades, a personalidade e o nível educacional dos pais, a estimulação dos interesses infantis etc.), a superdotação pode emergir ou mesmo deixar de se manifestar em diferentes épocas e sob diferentes circunstâncias da vida da pessoa. A principal implicação dessa proposta é que as habilidades podem se desenvolver mais tarde na vida de um indivíduo, conforme a sua autoconfiança, persistência e determinação. Mas é também importante que a criança que

manifeste uma habilidade em alguma área receba apoio para desenvolver as suas capacidades, ou então que experiências sejam disponibilizadas para os estudantes de modo que aquelas habilidades em estágio latente possam desenvolver-se.

A crença que ainda perdura, de que o indivíduo com altas habilidades/superdotação precisa apresentar alto desempenho em múltiplas áreas, dificulta a sua identificação e inviabiliza ações que favoreçam o desenvolvimento adequado dessas habilidades. Além disso, também se costuma acreditar que essas pessoas não precisam de apoio direcionado para desenvolver suas habilidades de forma plena, invalidando a necessidade da identificação.

Ao contrário, quanto antes for identificado, maiores serão as chances de que suas habilidades sejam plenamente desenvolvidas e adequadamente aproveitadas. Neste sentido, o contexto escolar é bastante propício para que ocorra a identificação. Essa deve ser feita de forma abrangente, incluindo informações advindas da família, da escola e da própria sociedade.

De acordo com Renzulli (1975, citado por Oliveira, 2007), a sobredotação ocorre em certas pessoas, em determinadas circunstâncias e em momentos particulares. Sem a identificação precoce, muitas vezes, alunos com um bom potencial para a aprendizagem acabam por ser menos sucedidos na sua escolarização, podendo inclusive apresentar dificuldades não esperadas no seu comportamento, desenvolvimento e adaptação psicossocial.

Um dos grandes problemas quanto à identificação das crianças com altas habilidades/superdotação em idade escolar está, principalmente, na falta de consenso quanto às definições do que seriam e como se manifestariam. Embora algumas habilidades se manifestem com algumas características em comum, é muito maior o espectro de população com altas habilidades/superdotação distintas com diferenças consideráveis entre seus pares (Virgolim, 2007).

O processo de identificação deve ser feito em várias etapas: uma fase inicial de despiste no qual são utilizados testes em gerais, uma fase seguinte de diagnóstico mais aprofundado (fase de identificação, confirmação e explicitação) e uma fase final de colocação, acompanhamento e avaliação por parte dos responsáveis do programa de intervenção, essa última fase requer o

conhecimento individualizado dos alunos, das suas habilidades, aquisições e características pessoais, nomeadamente os seus interesses e realizações, os seus estilos de aprendizagem, as suas áreas fortes e fracas.

A identificação precisa ser composta por outras fontes de informação, de forma a privilegiar uma visão sistêmica e global do indivíduo e não somente sua inteligência superior. As informações devem ser colhidas junto aos professores, aos pais, indicação por colegas e auto-indicação. Toda a comunidade deve trabalhar no processo de avaliação da criança que apresente sinais de altas habilidades, pois a identificação poderá auxiliar na elaboração do planejamento de ensino (Fleith, 2007).

Os professores se encontram em posição privilegiada para identificar habilidades que normalmente não são detectadas nos testes de lápis-papel, já que esses profissionais passam a maior parte do tempo com os alunos e estariam mais aptos a indicar quem teria algum tipo de habilidade especial.

Entretanto, ainda parece ser grande o nível de desinformação de professores sobre o tema das Altas Habilidades/Superdotação e, também, a sua falta de preparo em lidar com os alunos que compõem a população com essa condição, principalmente no que tange à realização de identificação, ao encaminhamento e à intervenção, conforme mostram os resultados de uma pesquisa realizada por Finoto, Rizardi, Aquino, Nakamura e Pacífico (2010). Assim, revelou-se importante a realização de algum material informativo/pedagógico sobre a temática para atender às necessidades dessa população.

Objetivo

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consistiu em criar um material informativo/pedagógico sobre o tema das altas habilidades/superdotação para suprir as necessidades de despreparo dos profissionais da rede pública de ensino sobre essa temática. Optou-se pelo vídeo por considerar um material que possa atrair a atenção do professor e despertar seu interesse para o envolvimento com a temática em questão.

Método

Equipamentos

Foram utilizadas duas câmeras filmadoras e um computador equipado com os seguintes programas: *Sony Vegas Movie Studio*®, *Sony Sound Forge Pro*®, *Nero SoundTrax*®, *Adobe Première Pro*®, *Ulead Video Studio*®, *Sony DVD Architect Studio*®, *Final Cut Pro*®. Também foram utilizados desenhos animados e textos de embasamento teórico para a complementação do vídeo.

Procedimentos iniciais

Para a descrição do roteiro do vídeo realizou-se uma visita inicial ao Núcleo de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), onde se apresentou a proposta e solicitaram-se sugestões e orientações sobre aspectos importantes de serem vinculadas ao vídeo.

Antes de serem iniciadas as filmagens realizou-se uma pesquisa sobre os aspectos legais para a autorização do uso de imagem. A partir da orientação de um advogado foi elaborado um termo de autorização que foi entregue aos alunos do NAAH/S interessados em participar das filmagens como atores. A participação só foi permitida mediante a autorização documentada dos pais ou responsáveis, a fim de evitar problemas judiciais com o uso indevido de imagem.

As filmagens das cenas aconteceram durante três quintas-feiras, no período da tarde, em uma sala de aula do Colégio onde está situada a sede do NAAH/S. Participaram das filmagens sete alunos do próprio núcleo (atores), duas professoras e uma pedagoga (auxiliares voluntárias de filmagem e direção). As cenas foram gravadas com duas videocâmeras posicionadas sob dois ângulos diferentes da encenação. Os arquivos de vídeo das cenas foram posteriormente transferidos para um computador, no qual foram executadas edições e alterações para a finalização do vídeo com os programas especializados, os quais foram utilizados de maneira integrada. Os arquivos das cenas foram separados e, depois, juntados com outros arquivos de modo a formar um único vídeo. Esses outros arquivos consistiam em legendas e animações obtidas em outras fontes.

Elaboração do roteiro e confecção do vídeo

A coleta de dados para a elaboração do texto para o roteiro do vídeo foi feita primeiramente por meio de um estudo teórico da bibliografia disponível sobre o tema (manuais do MEC e Teoria dos Três Anéis), ampliando-se a pesquisa para a prática do trabalho do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades e Superdotação e levantamento das necessidades desse serviço, a partir do referencial metodológico da Pesquisa-Ação, que visa à contínua formação e à emancipação dos sujeitos da prática (Franco, 2005; Spink, 1979).

O vídeo foi confeccionado através de cenas representadas pelos próprios alunos que frequentam o NAAH/S, com a inserção de desenhos animados para ilustrar, os mitos e preconceitos quanto às Altas Habilidades e Superdotação, bem como a utilização de textos informativos para os professores sobre essa temática.

Além disso, com o uso de programas especializados, o vídeo foi editado a partir das cenas gravadas no próprio NAAH/S e com material visual e sonoro obtidos em outras fontes, como desenhos e músicas. O objetivo foi transformar o material bruto em uma *peça estético-pedagógica*, de modo a “(in)formar” os sujeitos da prática.

Resultados e Discussão

Delimitação de como seria o vídeo

O objetivo a princípio era desenvolver um vídeo com o intuito de esclarecer as características de um aluno com Altas Habilidades e Superdotação. Para isso, buscou-se bibliografias sobre o tema. Utilizou-se as cartilhas do Ministério da Educação (MEC, 2007) sobre Altas Habilidades/Superdotação, apostila do Projeto Escola Viva, também do MEC (2002) e artigos científicos da área. Esses materiais serviram de base para visualizar e entender as características e procedimentos em relação às Altas Habilidades e Superdotação.

A partir da pesquisa bibliográfica, delimitou-se que o vídeo deveria atender as necessidades dos professores da rede pública e abordar informações referentes a mitos e equívocos sobre alunos superdotados, teorias sobre alunos com altas habilidades/superdotação,

processo de identificação de alunos com altas habilidade e procedimentos a serem tomados após a identificação.

Visitas ao NAAH/S e Confecção do Vídeo

A elaboração do roteiro do vídeo foi realizada em quatro momentos. Primeiramente foi realizado o levantamento bibliográfico sobre o tema, que durou quatro meses. Durante esse período, realizou-se o primeiro contato com o NAAH/S para compreensão da prática do trabalho com alunos com altas habilidades/superdotação e levantamento dos principais temas a serem abordados no vídeo. De acordo com a equipe do NAAH/S, as informações mais importantes de serem passadas aos professores seriam: (1) mitos sobre os alunos de Altas Habilidades/Superdotação, (2) papel do NAAH/S junto à escola, (3) identificação do aluno que é superdotado/altas habilidades, (4) papel do professor no encaminhamento do aluno ao NAAH/S, (5) como agir em relação ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação e (6) serviços fornecidos pelo NAAH/S.

No segundo momento, foi confeccionado um roteiro de vídeo através da leitura realizada. O roteiro foi elaborado com conteúdo que pudesse auxiliar na desmistificação dos conceitos de Altas Habilidades e Superdotação. Submeteu-se o roteiro à avaliação de juízes, composto por profissionais que compõem a equipe do NAAH/S, para que os mesmos fizessem a avaliação da clareza e coerência do texto e da abrangência do conteúdo proposto. A partir das sugestões recebidas dos juízes, realizaram-se as mudanças necessárias para a finalização do roteiro.

Após o fechamento do roteiro, realizou-se uma nova visita ao NAAH/S com o objetivo de elaborar um cronograma de filmagens. Nessa visita se sugeriu que, antes de iniciar as filmagens, se explicitasse aos alunos do NAAHS os objetivos do projeto, o roteiro do vídeo a ser criado e, também, se estabelecesse um contato com os alunos e discutisse diretamente com eles quais personagens cada um representaria. A leitura das cenas foi realizada juntamente com os alunos e no seu decorrer cada um ia se identificando com os personagens. Dessa forma, selecionaram-se os “atores” conforme cada um se identificava ou pela sugestão da própria professora da sala. A

equipe do NAAH/S também contribuiu com sugestões e ideias para os alunos sobre o figurino a ser utilizado durante as gravações e o cenário das filmagens.

Em um último momento ocorreu a gravação do vídeo informativo, que foi realizada em dois dias. No primeiro dia de gravação pode-se contar com o apoio das professoras do NAAH/S, sendo que uma delas ajudou nas filmagens e a outra ajudou na direção, dando dicas para os alunos sobre como melhorar a interpretação de suas personagens.

Os alunos ficaram bastante à vontade com a tarefa e com a presença dos pesquisadores, mesmo tendo até então pouco contato com os mesmos. No segundo dia de filmagem, contou-se com menos alunos, apenas quatro e com a presença de uma das professoras. Percebeu-se uma maior concentração dos alunos nesse dia, demonstrando que eles já sabiam melhor do que na primeira vez como iriam atuar e interpretar suas personagens.

Ao longo do processo de desenvolvimento do roteiro e das gravações, pode-se contar não só com o auxílio da equipe do NAAH/S, mas também com seu envolvimento no projeto, do qual participaram ativamente. Essa abertura e envolvimento da equipe foram essenciais para a conclusão do projeto.

O papel e atuação do psicólogo nesse contexto

O método de pesquisa em que se vai a campo para a coleta de dados é ressaltada por Peter Spink e chamado de Pesquisa-Ação (Spink, 1979). De acordo com Spink, Pesquisa-Ação “é um termo aplicado à pesquisa corrente com o duplo e explícito propósito de auxiliar a reflexão, formulação ou implementação da ação e de desenvolver, enriquecer ou testar quadros referenciais teóricos ou modelos relevantes ao fenômeno em estudo” (Spink, 1979, p. 31). A partir do contato e discussões com a equipe do NAAH/S pode-se ampliar a reflexão sobre o tema AH/S e contribuir na formulação de práticas que visem à divulgação e esclarecimento sobre o tema e sobre os serviços ofertados pelo núcleo. Este trabalho foi relevante, pois, muitas vezes, não é possível compreender um tema de maneira global até que se entre em contato com ele. O contato

em campo com o NAAH/S possibilitou a vivência da problemática e a sua compreensão de maneira mais acurada, de modo que se pode “por em prática” essa visão no roteiro do vídeo.

A pesquisa e atuação realizada a partir de um contato mais próximo e direto também é ressaltada por outros autores, que colocam inclusive ser esta uma das propostas de atuação do psicólogo escolar. De acordo com Martins (2003), o psicólogo escolar deve fazer uma espécie de escuta clínica da instituição, com o intuito de averiguar, refletir e experimentar o que acontece no ambiente escolar. A partir desse diálogo, em que o psicólogo se coloca disponível para ouvir as demandas da instituição, é possível criar situações e espaços de construção de conhecimento sobre a escola e sobre os envolvidos no processo educacional. Essa postura contribui para a discussão dos problemas e a busca de soluções de forma compartilhada. Ao longo do processo de elaboração do vídeo e filmagens, manteve-se contato constante com a equipe do NAAH/S, em algumas vezes os pesquisadores foram ao núcleo apenas para comunicar o que estava sendo feito e qual seria o próximo passo. Nestas visitas, os pesquisadores mostraram disposição a ouvir as críticas e sugestões da equipe e, de forma recíproca, também puderam ser ouvidos. Essa relação foi essencial para o resultado do projeto, pois aproximou os pesquisadores da realidade de trabalho do NAAH/S e dos alunos atendidos, tornando possível a construção de um projeto de forma conjunta entre pesquisadores, a equipe e os alunos.

O papel do psicólogo escolar também apresenta uma esfera política, de compromisso social, como sinalizam diversos autores (Almeida, 2005; Martinez, 2007). Diante das situações de atuação, espera-se que o psicólogo escolar formule estratégias de função política, enfocando-se nas demandas da sociedade, com o objetivo de articulá-las com uma nova realidade social. O projeto desenvolvido junto ao NAAH/S contemplou essa esfera da atuação do psicólogo escolar, pois se atentou a uma das demandas existentes na proposta da Inclusão Social. Com o vídeo desenvolvido, espera-se poder contribuir para o preparo de professores na identificação e condução dos alunos com AH/S, assim como sua inclusão na educação especial.

A atuação voltada para a mediação entre políticas educacionais e o contexto escolar apontam para novos rumos da prática e pesquisa em Psicologia Escolar. De acordo com Anache

(2010), a psicologia escolar não é mais uma área de aplicação, como foi no início da constituição dessa prática, em que a principal incumbência do psicólogo era a avaliação de alunos problema. Atualmente, a psicologia escolar vem atuando nas políticas públicas, gestão e sistema de ensino e em outros ambientes que se constituem como espaços educacionais. Diante da ampliação deste campo, é imprescindível a produção de novas formas de atuação do psicólogo em diferentes contextos e propósitos. Acredita-se que, com este trabalho, tenha-se contribuído também nesse sentido, ampliando e inovando na atuação do psicólogo escolar para uma dimensão que não inclui apenas a escola, mas também as políticas e práticas educacionais.

Considerações finais

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, pode-se perceber quanto ainda é pouco explorada a temática das Altas Habilidades e Superdotação, tanto nas escolas quanto na formação acadêmica dos profissionais da área da Educação e da Psicologia. A pesquisa bibliográfica sobre o tema revelou escassez de material produzido, o qual tem visibilidade, ao leitor brasileiro e/ou lusófono, quase somente nos materiais desenvolvidos pelo Ministério da Educação do Brasil. Por este motivo, adotaram-se como fonte de pesquisa esses materiais e pautou-se na Teoria dos Três Anéis, do psicólogo Joseph Renzulli, para compreender teoricamente as Altas Habilidades/Superdotação. Apesar de existir um incentivo do governo e de o NAAH/S estar em alinhamento com a educação inclusiva, ainda resta muito que fazer e ainda há mitos e resistências a serem superados.

Espera-se que este vídeo seja ao mesmo tempo informativo e dinâmico e que seja capaz de sensibilizar os professores da educação básica e fundamental para a identificação dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Espera-se também retificar a importância e seriedade do trabalho realizado NAAH/S, tendo em vista que a concretização do vídeo só foi possível graças ao apoio de sua equipe e alunos.

Muitos dos professores da rede pública, devido à política de inclusão, já passaram por cursos ou especializações com foco na educação especial. Além disso, no Núcleo de Educação

existe uma equipe que lida apenas nesta diretriz e está à disposição para dar suporte às escolas quando necessário, o que no caso das Altas Habilidades/Superdotação é feito principalmente através do NAAH/S. No entanto, acredita-se que o vídeo informativo elaborado não será um material repetitivo ou sem função para o professor, pois apresenta um caráter dinâmico e seu objetivo é sensibilizar o professor para o tema e consequentemente influenciar na atuação do professor frente a esses alunos e suas demandas. O vídeo poderá contribuir sintetizando as informações sobre quais os mitos sobre os alunos com AH/S e, dessa forma, desvinculando estereótipos desse tipo de aluno; quais comportamentos observados podem ajudar na identificação do aluno; como agir com o aluno após a identificação ter sido feita; promover a conscientização sobre o papel do professor no encaminhamento do aluno e que consequências essa conduta poderá ter e quais os serviços oferecidos pelo NAAH/S, principalmente em relação a atuação e suporte junto à escola.

Referências

Alencar, E. M. L. S. (2007). Indivíduos com altas habilidades/superdotação: clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas. In D. S. Fleith (Org.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: Volume 1- Orientação a professores*. Brasília.

Anache, A. A. (2010). Psicologia Escolar e educação especial: versões, inserções e mediações. *Revista Em Aberto*, Brasília, 23(83), 73-93.

Aranha, M. S. F. (2002). *Projeto escola viva: Garantindo acesso e permanência de todo aluno na escola*. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretária de Educação Especial.

Finoto, B. A. S., Rizardi, C. M., Aquino, C. T., Nakamura, C. S., & Pacífico, C. F. (2010). *Altas Habilidades/Superdotação: Conceituando a Temática a Partir de Professores da Rede Pública da Cidade de Londrina*. Manuscrito não publicado (Trabalho acadêmico não publicado apresentado à disciplina de Tópicos Avançados em Psicologia Social e Institucional,

do Departamento de Psicologia Social e Institucional, da Universidade Estadual de Londrina, orientado pela professora Profa. Dra. Eliza Dieko Oshiro Tanaka).

Fleith, D. S. (Org.). (2007). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades / superdotação: volume 1 - orientação a professores*. Brasília.

Franco, M. A. S. (2005). Pedagogia da Pesquisa-Ação. *Educação e Pesquisa*, 21(2), 483-502.

Martinez, A. M (2007). Inclusão escolar. In *Psicologia escolar e compromisso social: Novos discursos, novas práticas* (2a. ed., pp. 95-114). Campinas: Alinea.

Martins, J. B. A. (2003). Atuação do psicólogo Escolar: Multirreferencialidade, implicação e escuta clínica, *Psicologia em Estudo*, 8(2), 39-45.

Negrini, T., & Freitas, S. N. (2008). As representações culturais e os mitos a respeito das pessoas com altas habilidades, *VIII Congresso Nacional de Educação da PUC-PR*, Curitiba, 11872-11879.

Pérez, S. G. P. B. (2003). Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. *Revista do Centro de Educação*, 22. Retirado em 11 de outubro de 2011, do site: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/02/a4.htm>.

Simonetti, D. C. (1998). Crianças superdotadas: mitos. [Versão Eletrônica] *Associação Brasileira para Altas Habilidades/Superdotados*, Vitória, ES. Retirado em 13 de outubro de 2011, do site: http://www.altashabilidades.com.br/upload/publicacoes_MITOS_12353.doc.

Spink, P. K. (1979). Pesquisa-ação e a análise de problemas sociais e organizacionais complexos, *Psicologia*, 5(1), 31-44.

Virgolim, A. M. R. (2007). *Altas habilidades/superdotação: Encorajando potenciais*. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretária de Educação Especial.